

APRESENTAÇÃO DOS GTS E DOS COORDENADORES - GT08 (ONLINE):  
POÉTICAS AMEFRICANAS: MEMÓRIAS ANCESTRAIS EM IDENTIDADE  
ENCRUZILHADA

**“ÍNDIO, EU NÃO SOU”: POÉTICA, MEMÓRIA E INSURGÊNCIA NA  
FORMAÇÃO DE EDUCADORES DO CAMPO**

*Francisca Marli Rodrigues De Andrade (marli\_andrade@id.uff.br)*

Durante o período de 2019 a 2024, a abertura do componente curricular Povos Indígenas e Desafios Atuais, ofertado no curso de Educação do Campo da Universidade Federal Fluminense (UFF), tem seguido um padrão: a leitura e análise coletiva do poema “Índio, eu não sou”, de Márcia Wayna Kambeba. Essa abordagem metodológica, aplicada no início da disciplina, possibilitou a sistematização de um espaço de diálogo intercultural, no qual o discurso literário foi assumido como instrumento epistemológico e político. O propósito dessa abordagem consistiu em descolonizar narrativas e, portanto, tensionar os limites do pensamento hegemônico da branquidade sobre as experiências indígenas. Nesse tensionamento, o poema de Kambeba, ao negar a nomeação colonial “índio”, convidou os estudantes a reconhecerem os apagamentos e as violências contidas na língua do colonizador, instaurando uma pedagogia da memória e da insurgência. A partir da escuta poética, a organização da disciplina foi construída coletivamente no período analisado, contemplando as seguintes pautas sugeridas pelos estudantes: a) desconstrução do termo “índio” e dos epistemicídios linguísticos, problematizando como a linguagem atua na imposição de identidades e na manutenção das hierarquias coloniais; b) demarcação dos territórios e direitos fundamentais dos povos indígenas,

compreendendo o espaço como fundamento da existência e da cosmovisão indígena; c) educação escolar indígena e pedagogias de resistência, enfatizando o direito à educação bilíngue, intercultural e territorializada, bem como, o papel dos cursos de Educação do Campo na valorização dos saberes tradicionais e na formação docente decolonial; d) poética da resistência, espiritualidade e reencantamento, entendendo que o discurso literário de autoria indígena constituiu-se como prática estética e ritual de memória que, alinhada às poéticas amefricanas e ao realismo encantado, restaurou vínculos entre arte, ancestralidade e luta; entre outras. A experiência pedagógica, construída durante período observado, evidenciou que a poesia atuou como dispositivo de desconstrução e questionamento dos estereótipos racistas, permitindo a abertura de novos caminhos para a reconstrução de uma escuta crítica e sensível. Adicionalmente, a poesia de Márcia Wayna Kambeba revelou-se como uma prática política e estética que entrelaçou memória, identidade e insurgência. Em outras palavras, afirmou a potência das poéticas amefricanas como caminhos de insurgência e reexistência na formação de educadores do campo.

Palavras-chave: povos indígenas; poéticas amefricanas; educação do campo; memória ancestral; decolonialidade.